

## REGIONAL

# Onde todos se conhecem

FOTOS: ALESSANDRO DE PAULA

É difícil passar despercebido por Divino de São Lourenço, município com menor número de habitantes

ALESSANDRO DE PAULA

**D**IVINO DE SÃO LOURENÇO – Quer passar despercebido? É melhor então ficar longe de Divino de São Lourenço. No município com a menor população no Estado – 5.354 habitantes segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006 – todos se conhecem.

“Embora tenha vindo muita gente para cá, todos se conhecem por aqui. Se eu caminho da escola até minha casa, cumprimento todo mundo”, comenta o pedagogo Aurecil Gonçalves Nunes Muruci, 38, presidente do Conselho da escola pública Juvenal Nolasco.

Segundo os moradores, a maioria da população tem alguma ligação familiar. “Todomundo é, de alguma forma, parente um do outro. Aponto um por um. Ou é primo, ou tio ou casado com alguém da família do outro”, afirma o taxista Ananias Rodrigues Dias, 55.

Para se ter uma idéia do que representa a população do pequeno município aos pés do Parque do Caparaó, Divino de São Lourenço representa apenas 1,68% da população de Vitória.

Apenas o Ginásio Álvares Cabral, em Vitória, tem capacidade para reunir todos os moradores do município – e ainda sobram mais de 1,2 mil lugares.

Algumas tradições e costumes são mantidos até hoje. Notas de falecimento são anunciadas por meio do alto-falante da igreja-matriz. Assim que recebem a notícia, todos sabem quem é e já procuram o familiar mais próximo para lamentar a perda.

O custo de vida é baixo. “Dá para alugar uma casa boa aqui por uns R\$ 150,00”, diz o soldado da Polícia Militar Warlen Nilson. O quilo da comida custa a partir de R\$ 9,00, valor cobrado no restaurante do Dormitório da Dona Rosa.

A desvantagem do município, por ser pequeno, é que muitos moradores precisam procurar cidades vizinhas, como Alegre ou Guaçuá, para fazer compras, apesar de Divino de São Lourenço já apresentar mercearias e supermercados e várias outras lojas.

“É que lá tem mais variedade e os preços dos produtos normalmente são mais em conta”, diz Ananias. Não há casas de shows. Teatro, só em Guaçuá. Cinema, apenas em Alegre.

A população ainda convive com falta de emprego e salários baixos. Só 10% recebem mais de dois salários mínimos, segundo o IBGE.

## RADIOGRAFIA DO MUNICÍPIO

■ **Escolas:** Uma estadual de ensino fundamental e médio e uma municipal de ensino fundamental, além de 20 escolinhas no interior.

■ **Supermercados e mercearias:** sete.  
■ **Bar e lanchonete:** oito.

■ **Pousadas e hotéis:** Duas na cidade e três no interior.

■ **Lan house:** Uma.

■ **Laboratório:** Duas.

■ **Igrejas:** Uma católica e seis evangélicas.

■ **Farmácia:** Uma.

■ **Padarias:** Duas.

■ **Açougues:** Dois.

■ **Funerária:** Uma.

■ **Salão ou barbearia:** Quatro.

■ **Lojas:** Quinze, sendo três de móveis e eletrodomésticos, duas de material de construção, uma de bicicleta, uma de autopeças, uma de produtos agrícolas, três de roupas, um armário, um brechó, uma farmácia e uma de produtos a R\$ 1,99.



Divino de São Lourenço tem 5.354 habitantes, número que representa 1,68% da população de Vitória

## Modernidade chega aos poucos

**DIVINO DE SÃO LOURENÇO** – Sinais da modernidade começam a surgir na pequena cidade. O aparelho celular é facilmente encontrado nas mãos dos moradores, coisa que não havia há poucos anos.

A *Tribuna* esteve no município aos pés do Parque do Caparaó, onde está o Pico da Bandeira, em dezembro de 2004 e constatou as curiosidades do dia-a-dia e retornou na última quinta-feira para ver o que mudou.

O município na época contava apenas com o telefone fixo. O celular começava a chegar. A internet também já chegou ao local. No centro, existe uma lan house, onde o acesso é feito por celular. Nas casas, a maioria dos internautas utiliza acesso discado.

Há até dois meses a única forma de divulgar uma programação importante, uma nota de falecimento ou agradecimento era por meio do alto-falante da igreja-matriz.

Mas agora as coisas começaram a mu-

dar com a instalação da Rádio Poste que, como o nome diz, transmite sua programação por caixas de som instaladas nos postes.

O autor da idéia é o funcionário público e radialista Marcelo Venâncio Sarria, 37, que trabalha como motorista de ônibus escolar. A rádio funciona diariamente a partir de 8 horas. Às 11 horas, Venâncio pára para levar os alunos ao colégio e reinicia às 13 horas. O trabalho rádio termina às 18 horas, quando ele tem que buscar os alunos.

As oito caixas espalhadas pelos postes tocam músicas que vão do forró e do sertanejo ao rock, além de fazer os anúncios, que é de onde vem o lucro de Marcelo.

Porém, muitos avisos ainda continuam sendo feitos pela igreja-matriz. Localizado numa colina, o santuário construído em 1961 é o centro das atenções. A dona da voz que sai dos alto-falantes da torre é a zeladora Cléia Viana Moreira Muruci.



Cléia usa o alto-falante



Marcelo Venâncio é radialista e motorista de ônibus escolar



Gilbert vai de moto à faculdade, mas não abre mão do cavalo

## Motocicletas são sensação

**DIVINO DE SÃO LOURENÇO** – A motocicleta é a grande sensação de Divino de São Lourenço. Pouco a pouco, os moradores vão se desfazendo dos cavalos e charretes para conseguir o veículo motorizado.

Quem pode mantê-lo o cavalo só por lazer. Como o estudante Gilbert Nazário Ribe-

ro, 18, que usa a moto para ir à faculdade ou para as paqueras, mas mantém os animais na propriedade.

Tem cinco éguas e uma mula. Assim como os amigos Aloni Guedes, 18, e Leonardo Ferreira de Oliveira, 18, curte cavalgadas e está sempre cuidando dos acessórios dos animais.

## Cidade tem poucos crimes

**DIVINO DE SÃO LOURENÇO** – O município é considerado pacato. Casos de homicídios e assaltos são raros. As ocorrências mais comuns envolvem briga de casal ou em bares.

“A maioria desses casos é motivada por bebida. Infelizmente o consumo de álcool aqui é alto”, diz o soldado da Polícia Militar Warlen Nilson.

Este ano, segundo a PM, foram registrados 378 atendimentos. Desses, 262 foram de apoio a outras instituições. As

demais ocorrências são divididas em pequenos furtos, brigas, ameaças, crimes ambientais e transporte de doentes.

A Polícia nem se lembra do último assalto ocorrido. Homicídios foram dois em cinco anos. Há um ano e oito meses, um funcionário público foi assassinado.

A maior preocupação das autoridades é com a venda indiscriminada de bebida alcoólica. São oito bares e lanchonetes, todos sempre bem movimentados.